

Desde criança que começa a revelar um temperamento muito sensível a emoções, em que a figura da mãe está acima de tudo. Ela vai ser uma marca muito forte na sua poesia. Após a sua morte dedica-lhe este soneto:

«Só hoje sei que pela vida fora
Nunca senti saudades de ninguém,
Mas foi preciso, p'ra o saber agora,
Que tivesse perdido a minha Mãe!

Dela, sim! É que eu tenho a toda a hora
Uma saudade como só a tem
Quem num ser perde tudo quanto adora
E nele quanto o estimava bem.

Vai para dois meses que morreu: no entanto,
Como ao beijar a sua mão já fria,
Sinto esaldar-me a face o mesmo pranto.

Mas que Deus me não tire a minha dor
E, muito pelo contrário, dia a dia,
Ele ma torne cada vez maior!»



A natureza extraordinariamente sensível do poeta manifesta-se não só em relação ao afeto humano, mas também ao afeto pelos animais, como é o caso da poesia sentida aquando da morte do seu cão:

«Há muito que morreu o pobre amigo!
Companheiro leal, vi-lhe o seu fim.
E nesta, hora, em que choro a sós comigo,
Parece que ainda o sinto atrás de mim.

A nossa amizade cada vez maior,
Com menos emoção do que era a sua,
Fazia em versos, que ainda não sei de cor,
Meus versos, ele uivava-mos á lua.

Encheu de afectos todo o meu passado!
E quantas vezes, p'ra mim próprio, eu digo
Que, se o meu melhor no amor é ser amado
O melhor na amizade é ser amigo!»

EB1 / JI de Lamego nº2

Semana da Leitura

Fausto Guedes Teixeira



5 a 9 de Março 2012

2º Ano B



Busto de Fausto Guedes Teixeira

Fausto Guedes Teixeira é uma figura distinta no campo das letras, poeta lamecense, que nasceu e viveu nos finais do séc. XIX e princípios do séc. XX (1874/1940). Foi um homem lúgubre, contemplativo, melancólico, que nasceu poeta e que como nenhum outro soube expressar, através dos seus versos, o amor e admiração que sempre teve à sua cidade natal. Deixou a Lamego e ao país uma vasta e reconhecida obra poética, tendo merecido os encómios de João de Barros nestes termos: «Fausto Guedes é um poeta de sempre»”.

Considerado pelos seus concidadãos como um Lamecense ilustre, possui nesta cidade uma rua com o seu nome, um busto no jardim da República, em frente ao edifício da Câmara Municipal, bem como uma sala no Museu de Lamego, onde se guarda o espólio pessoal da «casa do parque», na qual viveu ininterruptamente os últimos vinte anos.

Da obra literária por ele legada, destaca-se «O meu Livro», conjunto de dois volumes, nos quais se condensa grande parte da sua poesia.

Também a natureza o emocionava e com ela comunga sentimentos e emoções, revelando uma sensibilidade apurada para com o mundo exterior, pois, quando uma tempestade derruba três árvores do seu adorado parque, ele sofre como se tivesse perdido alguém querido. Só uma dor profundamente sentida o poderia ter inspirado para escrever, um dos seus melhores poemas:

«Morreram-me três árvores; e, ao vê-las,
Às minhas lindas árvores, no chão,
Beijo-as e fico sem saber qual delas
Faz mais falta ao meu pobre coração.

Na noite negra, um vendaval desfeito
Arrancou-as da terra, que tremia,
O mesmo que passou sobre o meu peito
E mo despedaçou p’ra sempre um dia.

Rompia a aurora quando alguém me trouxe
A má nova – antes nunca ma trouxesse! –
E eu parti a correr, como se fosse
A que eu amei e que outra vez perdesse.

Uma era um cedro do maior tamanho,
Irmão talvez daquele onde os judeus
Foram buscar outrora o Santo lenho
Da cruz augusta, eu que expirou um Deus!

Era a outra um loureiro, que, de pé,
Lembrava, erguendo os braços recendestes,
A árvore gigante de Mahomet,
Que abrigava em redor todos os crentes.

Tinha mil ninhos em perpétua festa;
E, nesses ninhos, mil canções iguais;
Das árvores do parque era sempre esta
Que as minhas pombas procuravam mais.
Mas, junto da terceira, uma amargura

Me tomou, como o frio dum jazigo;
Julguei-a uma adorada criatura,
Que m’esperasse p’ra morrer comigo.

Era uma acácia, em cujas folhas belas
Escrevi muita vez, em pensamento,
Versos, que eu vi tombar, rolar com elas
No mesmo pó, p’ra o mesmo esquecimento.

E que vou eu fazer destes destroços
Das árvores? Não sei. Queimá-los, não!
Ouvir-lhes-ia o crepitar dos ossos
E acusar-me o seu triste coração.

O meu amor fez delas criaturas,
Deu-lhes a alma a que elas têm direito;
Abrir-lhes-ei, portanto, sepulturas,
Já que nada e ninguém cabe no peito.»

